

Javier Maldonado Rosso *

A investigação sobre o Jerez-Xérès-Sherry entre 1868 e 1989 **

A relação entre uma actividade tão importante – quando considerada regional e sectorialmente – como a vitivinicultura do Marco del Jerez-Xérès-Sherry¹ e a produção historiográfica dedicada ao seu conhecimento científico pode ser entendida como «inversamente proporcional». Não podemos deixar de manifestar, uma vez mais, a perplexidade que a escassez de estudos históricos sobre a vitivinicultura jerezana nos provoca, sendo esta a mais destacada do sector em Espanha e uma das mais notáveis do mercado vinícola atlântico desde os séculos modernos.

As causas do escasso interesse da investigação histórica por este tema são de variada ordem. Assim, é de salientar o facto de a Universidade de Cádiz ser muito recente, de finais da década de setenta. Até então, e somente desde os anos sessenta, em matéria de História, existia um Colégio Universitário dependente da Universidade de Sevilha, no qual se ministravam os primeiros cursos de estudos, comuns a várias disciplinas de Humanidades. O reduzido número de licenciados em História que se graduavam todos os anos e o ainda mais reduzido número dos que optavam por ser historiadores foi, sem dúvida, um factor fundamental no atraso do tratamento científico da vitivinicultura jerezana.

Para este atraso contribuiu também a influência da historiografia contemporânea sevilhana sobre a gaditana que inclusivamente se prolongou, como é lógico, durante os primeiros anos de vida desta jovem Universidade. Neste período primaram os estudos de história política e social, geograficamente centrados na cidade de Cádiz e, cronologicamente, entre a revolução setembrina de 1868 e o fim da Restauração Borbónica, assim como os processos de desamortização que

■ Investigador da Unidad de Estudios Históricos del Vino e Grupo de Investigación da Historia Contemporánea (P.A.I.) da Universidade de Cádiz.

■** Tradução de Cristina Gomes Ferreira. Revisão de José Ignacio de la Torre Rodríguez.

■ N.T.: Região Demarcada do Jerez.

então eram, como é lógico, objecto de interesse preferencial da historiografia espanhola. A partir de meados da década passada, proporcionaram-se as condições necessárias para que esta situação se alterasse: o Departamento de História Contemporânea da Universidade de Cádiz emancipava-se cientificamente da tutela sevilhana, incrementando o número de docentes e dotando-se de mestrandos e doutorandos provenientes das suas próprias licenciaturas, abrindo-se, assim, novas linhas de investigação e pondo-se em marcha ambiciosos projectos científicos.

Investigadores de outros centros de estudos poderiam ter-se dedicado à investigação da vitivinicultura do Marco del Jerez-Xérès-Sherry, mas o que é certo é que, a nível nacional, a historiografia estava interessada em processos históricos gerais que as condições do regime ditatorial franquista tinham tornado difíceis de estudar, nos anos de plenitude política-repressiva, numa universidade «depurada». Salvo a grande figura histórica que foi Jaume Vicens Vives e outras escassas excepções, até aos anos sessenta não se operam mudanças nem de gerações nem de ideologias na universidade espanhola, cujos frutos só começaram a aparecer anos mais tarde. A década dos anos setenta é um período dourado da historiografia espanhola, em geral, e da contemporânea, em particular. Apareceram então publicadas obras chave da nossa historiografia como as de Miguel Artola, Josep Fontana, Gonzalo Anes, Jordi Nadal, Gabriel Tortella, Francisco Tomás e Valiente, Manuel Tufin de Lara, António García-Baquero, Bartolomé Clavero, António Miguel Bernal, Javier Tussell, Juan Pablo Fusí, Emiliano Fernández de Pinedo, Carlos Alvarez Santalo e tantos outros notáveis historiadores. A crise do Antigo Regime, a formação do capitalismo em Espanha, a revolução burguesa, os conflitos sociais, o sistema de monopólio comercial com a América, os partidos e ideologias políticas, a evolução da população e outros temas considerados sobretudo à escala estatal concentraram a atenção científica destes historiadores. Foi somente a seguinte geração, correspondente à década dos anos oitenta, que produziu algumas obras referentes ao tema que nos ocupa, como teremos ocasião de analisar brevemente.

Uma terceira causa do escasso interesse historiográfico pela actividade vitivinícola jerezana parece estar, sem esquecer a importância das duas causas já assinaladas, na pouca consideração que se tinha até há bem pouco tempo sobre a vitivinicultura como objecto de investigação científico-historiográfica. Inclusivamente entre os que desde há um tempo a esta parte temos feito de tal actividade o tema prioritário do nosso trabalho de investigação, a vitivinicultura jerezana pareceu-nos inicialmente um tema menor. Não compreendíamos que não existem temas irrelevantes para a investigação histórica mas sim levantamentos infrutíferos, quando intelectualmente considerados.

O Jerez-Xérès-Sherry tem sido objecto, em diversas ocasiões de um trata-

mento totalmente chauvinista e anedótico, o que terá contribuído também para o afastamento do tema por parte do mundo académico, centrado em outros temas, como foi já assinalado. Apesar desta carga negativa, a importância objectiva do fenómeno é de tal ordem que este acabou por se impôr.

Da mesma forma que o processo de formação do capitalismo no Marco del Jerez foi suscitando o interesse da historiografia recente, a viticultura jerezana manifestou-se como uma actividade económica fundamental nesse processo. O fenómeno em questão, como é sabido, não é somente económico, mas também social, cultural e político. O vinho é um produto cultural, manifestando-se, assim, de forma distinta em cada zona vitivinícola importante; contudo, para além disto, no Marco del Jerez – como em outras regiões – a actividade vitivinícola não só deu lugar a ofícios característicos, outrora desempenhados por grandes grupos de trabalhadores, como também influenciou sobremaneira na estrutura social, contribuindo para a formação de sectores específicos nas classes da nova sociedade capitalista ocidental. Neste sentido, no Marco del Jerez o processo de transição política do Antigo Regime para a sociedade liberal foi notavelmente marcado pelos confrontos entre os proprietários vitícolas pertencentes à aristocracia agrária e os *bodegueros* (comerciantes), membros de uma nova burguesia, empenhados em mudar a ordem existente no sentido de beneficiar os seus interesses.

Assinaladas as causas que consideramos responsáveis pela escassez historiográfica sobre o Jerez-Xérès-Sherry, passaremos a analisar a produção realizada desde o último terço do século passado até aos anos oitenta do nosso século. As novas linhas de investigação e os estudos realizados desde então até aos nossos dias foram abordadas no artigo anterior pelo meu companheiro Alberto Ramos. Antes serão necessárias algumas advertências e precisões sobre o que irá ser tratado.

Em primeiro lugar, convém salientar que quando nos referimos ao Jerez-Xérès-Sherry fazemo-lo em relação aos tipos de vinho que acolhe esta denominação de origem: *fino*, *amontillado*, *oloroso*, *cream* e *Pedro Jiménez*. Estes tipos produzem-se e exportam-se a partir de três localidades reconhecidas como produtoras: Jerez de la Frontera, El Puerto de Santa María e Sanlúcar de Barrameda. Nestes não se inclui, contudo, a *manzanilla*, um vinho do tipo fino, só produzido em Sanlúcar de Barrameda. A razão para tal é que, historicamente, a *manzanilla* não seria considerada entre os *sheries*. Actualmente tem uma denominação de origem distinta destas, ainda que integrada no mesmo Conselho Regulador, cujo nome reconhece tal realidade (Conselho Regulador das Denominações de Origem Jerez-Xérès-Sherry e Manzanilla-Sanlúcar de Barrameda). A *manzanilla* coloca uma problemática própria que torna aconselhável não a incluir neste trabalho.

Não será também objecto de estudo o *Brandy de Jerez*, que convém assinalar, dada a grande confusão existente em alguns círculos a respeito da sua denomina-

ção. A denominação *Jerez-Xérès Sherry* só se refere aos vinhos já citados; fica assim excluído o *brandy* da zona delimitada, que goza da denominação específica *Brandy de Jerez* e do seu próprio Conselho Regulador. Ainda que produzido nas três localidades que formam o triângulo vitivinícola jerezano (Jerez, El Puerto e Sanlúcar) e pelas mesmas empresas produtoras de vinhos, o *Brandy de Jerez* deverá ser objecto de um tratamento específico que não será efectuado aqui.

Cronologicamente, esta análise só abarcará a bibliografia que se refere ao *sherry* na época contemporânea, entendida em *lato sensu*. Esta delimitação temporal não só está relacionada com a nossa condição de historiadores como também com a nossa concepção do processo de desenvolvimento histórico da vinhataria jerezana. Na longa história da vitivinicultura do Marco del Jerez podem distinguir-se, sem dúvida, dois grandes períodos cronológicos divididos pelas transformações económicas, enológicas, sociais e políticas que se produziram no sector ao longo do século XVIII. Uma cronologia difusa para uma mudança clara. O nosso interesse centrar-se-á no processo de transformações das quais resultou a vinhataria jerezana moderna e o seu posterior desenvolvimento durante o século XIX e a primeira metade do século XX.

A terceira advertência relaciona-se com o carácter das obras que serão objecto da nossa atenção. De acordo com os nossos interesses relacionados com a história do Jerez-Xérès-Sherry, só consideraremos, pois, os estudos históricos sobre o tema e outros que contenham referências históricas de interesse. Não contemplaremos livros de viagens sobre o *Sherry* de autores britânicos dos séculos XVIII, XIX e XX, apesar de, em muitos casos, terem um interesse considerável, já que se trata de descrições coetâneas do nosso objecto de estudo, portanto fontes bibliográficas para a sua investigação, mas não análises históricas. Não tomaremos também em consideração obras de divulgação recentes sobre o *sherry*, tanto espanholas como estrangeiras, nas quais se fazem referências históricas muito superficiais e por vezes totalmente erróneas, fruto de estudos bibliográficos mal interpretados, da transcrição em texto de memórias não comprovadas, etc. Logicamente, para evitar sermos prolixos, omitimos também as referências simples que se fazem em múltiplos estudos sobre diferentes aspectos do *sherry*. Como toda a regra tem a sua excepção, também nós abriremos algumas a respeito deste tipo de estudos.

Como já foi indicado anteriormente, a investigação histórica sobre o Jerez-Xérès-Sherry, considerada em *stricto sensu*, data da década de oitenta do nosso século. Não obstante existirem publicações muito anteriores que constituem, em alguns casos, antecedentes notáveis.

Do lado espanhol, o primeiro trabalho de destaque sobre o assunto foi o do médico Diego Parada e Barreto, intitulado *Noticias sobre la Historia y el estado actual del cultivo de la vid y del comercio vinatero de Jerez de la Frontera* (1868), no qual o autor se ocupou também do estudo, como o título indica, da situação con-

temporânea do sector. As notícias históricas de Parada e Barreto abarcam o tema desde as origens da vinhataria jerezana. As páginas que dedica ao segundo grande período da história do *sherry* são poucas, mas possuem a virtude de conter uma análise da mesma e não uma colecção de casos pontuais sobre o tema. Cabe a Parada e Barreto o mérito de assinalar expressamente que no século XVIII se operaram mudanças substanciais na vinhataria jerezana que afectaram tanto os tipos de vinhos como a sua produção e comercialização. É particularmente interessante a sua observação de que a *crianza*² dos vinhos no Jerez implicava que tal valor acrescentado se gerasse na localidade e não nos mercados de destino, o que ocorria quando as exportações eram constituídas fundamentalmente por mostos. À parte disto, Parada oferece diversos dados históricos relativos à produção, consumo interno, exportações e preços. O seu trabalho baseia-se na consulta de documentação municipal e privada, assim como na bibliografia disponível nessa altura sobre o assunto. Além da comprovação dos dados, Parada e Barreto realizou uma interpretação dos mesmos e do processo histórico da vinhataria jerezana.

Em 1878 foi publicado *Apuntes sobre los vinos españoles*, um livro que pelo seu título passou praticamente despercebido até à actualidade aos investigadores do *sherry*. O seu autor, Francisco Gonzáles Alvarez, técnico e director *bodeguero* no Jerez desde 1840, realiza o melhor dos estudos clássicos sobre o *sherry*. Trata-se de um livro de conteúdo histórico, enológico e administrativo sobre os vinhos do Jerez. A sua resenha histórica é não só apenas a mais ampla e documentada mas também a mais rigorosa de todas as existentes. Nela oferece dados anuais sobre as colheitas e exportações do *jerez* entre 1824 e 1876. Aplica uma metodologia muito depurada e realiza interessantíssimas interpretações sobre a evolução da vinhataria jerezana e do sistema de *soleras*.³

Passariam cinco longas décadas até que aparecesse, em 1935, outra grande obra sobre o tema. Referimo-nos a *Jerez-Xérès-Sherish*, do *bodeguero* jerezano Manuel María González Gordon, que constitui um autêntico trabalho enciclopédico sobre a vitivinicultura jerezana. A obra compreende praticamente tudo o que se relaciona com o tema. Trata dos trabalhos e lides vitícolas praticadas no Jerez, da elaboração e do sistema de *crianza* dos vinhos característicos da zona, da construção das pipas e tonéis, do envasilhamento do vinho e seus acessórios, do regulamento do mercado dos vinhos jerezanos e sua denominação de origem, do comércio do *sherry* e das associações empresariais do sector, dos sistemas de transporte dos vinhos, etc.

Os dois primeiros capítulos do livro são dedicados a histórias do Jerez e do seu vinho, mas esta última não ultrapassa o século XVI. Não obstante, as referências

² N.T.: Processo de envelhecimento do vinho.

³ N.T.: Forma de armazenamento do vinho para envelhecimento em que as pipas se encontram junto ao solo.

históricas estão presentes em todo o livro, relacionando-se com todos os temas tratados, pelo que, a partir de uma leitura atenta, podem extrair-se resultados frutíferos sobre o assunto. Para o nosso objecto de estudo, o capítulo mais original é o terceiro, dedicado ao comércio. Nele se recolhem os dados mais completos até à data sobre as características das colheitas e das exportações anuais de vinhos entre os anos de 1821 e 1968. Nestas páginas, González Gordon expõe o problema dos armazenamentos no século XVIII e dos conflitos a esse propósito entre os produtores de vinho, através do seu grémio, e os comerciantes vinícolas, problema este que estaria na base das transformações na vinhataria jerezana nesse século. O livro de Manuel María González Gordon tem sobretudo um indubitável interesse etnográfico. Trata-se de um clássico sobre o *sherry* que conta em seu desfavor com a carência de aparato crítico bibliográfico e de citação de fontes documentais consultadas pelo autor, que foram sem dúvida muitas e importantes, mas que infelizmente desconhecemos. Existe, contudo, uma versão inglesa com o título *Sherry. The noble wine* (1972 e 1990), na qual se repara esta deficiência, parcialmente.

Ao bibliófilo jerezano José de Soto Molina pertence um trabalho policopiado, de escassa difusão, intitulado *Jerez y sus vinos*, datado de 1948. O conteúdo é diverso, com uma estrutura muito desordenada, mas contém abundantes notas sobre a história da vinhataria desde as suas mais remotas origens, ainda que os séculos XVIII a XX sejam mais superficial e brevemente tratados.

Entre os anos quarenta e setenta, os irmãos José e Jesús de las Cuevas escreveram várias obras sobre o *sherry* (1949, 1952 e 1979). A última delas, *Vida y milagros del vino de Jerez*, compila parte das anteriores, tendo sido a mais difundida. É um livro de miscelânea, cujos conteúdos abarcam a história da vinhataria jerezana desde as suas origens, e que apresenta muitas datas sobre o comércio dos vinhos do Marco del Jerez e trata da sequência histórica das mais destacadas famílias *bodegueras* da zona. O tema dos armazenamentos e dos conflitos entre os produtores e comerciantes no século XVIII é tratado neste livro; breve, como não poderia ser de outra maneira neste tipo de publicações, mas acertado no fundamental, o que é para nós pedra de toque da contribuição sobre a história do *sherry*. Paralelamente a estes conteúdos, o livro dedica vários capítulos a aspectos mais anedóticos e tratados de forma ligeira, como as relações do *jerez* com os cavalos, os touros, o flamengo, a gastronomia, a arte, etc. Apesar de se tratar de um livro concebido com um objectivo de divulgação sobre a importância e virtudes do *sherry*, caracterizado por uma linguagem impressionista, de rapidíssimo ritmo sintático, é um trabalho baseado numa numerosa documentação e bibliografia, cujas referências, ao contrário de outras publicações, são dadas a conhecer aos leitores mediante um extenso e bem elaborado conjunto crítico.

Entre as obras comemorativas de aniversários da constituição de importantes empresas, poder-se-á destacar *Old Sherry* (1935), publicada por motivo do cente-

nário de González Byass, S. A., *De la verde Irlanda al espléndido futuro del Jerez* (1980) e *Two Hundred years of Port and Sherry* (1992), comemorativas dos bicentenários de Patricio Garvey, S.A. e Sandeman, respectivamente. As três publicações são escritas em inglês (a de Garvey com uma edição bilingue), uma vez que têm por destinatário o público britânico, existindo contudo uma notável diferença entre elas a nível dos conteúdos. Ainda que as três, como é lógico, dediquem uma grande atenção às biografias dos seus respectivos fundadores (Manuel González Angel, Guillermo Garvey e Georges Sandeman) e às histórias das suas empresas, a de Ned Halley reflete uma maior preocupação contextualizadora e realiza exposições de maior conteúdo histórico. De qualquer das formas, nenhuma das três obras constitui – nem tão pouco é esse o seu propósito – uma história empresarial, estudos dos quais tanta falta temos.

Uma obra singular sobre o sherry é *Diccionario del Vino de Jerez*, de Julián Pemartín (1965). Entre os numerosos temas encontram-se tratados os mais variados aspectos da vitivinicultura jerezana. Constitui, simultaneamente, uma obra de conteúdo etnográfico, agronómico, enológico, económico, cultural, etc. No que diz respeito à história, este *Diccionario* torna-se muito útil uma vez que recolhe numerosíssimos dados biográficos de produtores, armazenadores e exportadores, assim como referências à maioria das empresas do sector, fusões, absorções e mudanças na categoria social das mesmas. Conviria observar que, no tempo que vai desde a sua edição em 1965, novas investigações viriam rectificar alguns dados, mas em geral, esta continua a ser uma obra em vigor.

Entre os estudos técnicos, realizados por enólogos, nos quais se trata da *crianza* dos vinhos do Jerez na sua dimensão histórica sobressaem duas publicações de Justo Casas Lucas, *Viticultura tradicional e enología* (1961) e *Reflexiones de un enólogo sobre los vinos de Jerez* (1985). Outra publicação de interesse é a de Manuel Pan Ferguson, *La vendimia y sus problemas en el siglo XVIII*, publicada em 1952 por motivo das festas da vindima jerezana. O seu conteúdo centra-se na fixação de preços dos mostos, na composição da junta que os estabelecia e nos problemas que se levantavam. Maneja documentação de procedência não assinada e apresenta dados inéditos sobre exportações.

Diario de viaje de un comerciante gaditano (1976) constitui uma *avis* rara neste trabalho, uma vez que trata, como o título indica, das anotações realizadas por Manuel Domecq y Víctor na sua viagem de negócios a Inglaterra em 1829. Não deveria constar desta análise, da qual temos excluído as publicações com carácter de fontes bibliográficas, se não fosse por se tratar de uma edição introduzida e anotada por Eduardo Gener Cuadrado, descobridor e editor do manuscrito original, inédito e anónimo, de Domecq y Víctor. A investigação de Gener Cuadrado sobre o *bodeguero* gaditano-jerezano e o estado da vinhataria jerezana neste período apresenta interesse historiográfico.

Finalmente, temos de referir brevemente duas publicações de menor interesse. Uma é o artigo *El Comercio de los vinos de Jerez*, de Francisco Quirós (1962), da qual o próprio autor diz que se limitou a reproduzir e actualizar a bibliografia referente ao tema. Outra é um livro de Manuel Ruiz Lagos (1976) em que um dos capítulos aborda a situação da vitivinicultura jerezana no período de 1838 a 1868, que, em nossa opinião, é pobre em fontes documentais e bibliográficas, errónea em alguns aspectos metodológicos e confusa nas categorias analíticas que emprega e nas exposições que realiza.

Do lado britânico não são muitas as publicações históricas existentes sobre o *sherry* até finais dos anos oitenta. O Marco del Jerez despertou tradicionalmente interesse no Reino Unido, mas isto traduziu-se em obras maioritariamente de divulgação, dirigidas a amplos sectores sociais. Duas delas merecem um tratamento diferenciado pelos temas que abordam. Referimo-nos a *Facts about Sherry*, de Henry Vizetelly (1876), e a *Sherry*, de Julián Jeffs (1962). Esta segunda obra, a mais interessante das duas, é, sem dúvida, a mais documentada e melhor conseguida. Dedicava vários capítulos à história da vinhataria jerezana, em que mistura dados com casos pontuais, mas é, não obstante, a que realiza as interpretações mais interessantes e oferece uma visão mais global do processo histórico da vitivinicultura jerezana entre as obras do seu género.

Nos anos cinquenta editaram-se dois livros colateralmente relacionados com o *sherry*, *Bristol Cream*, de Godfrey Harrison (1959) e *Merchants of Wine*, de Alec Waugh (1957), cujos temas são as histórias das famílias Harvey, e a sua famosa marca de vinho, e Gilbey, respectivamente.

Dos estudos científicos em que se faz referência ao *sherry*, destacam-se os de Schumpeter, Francis e Davis. O trabalho de Elizabeth B. Schumpeter, *English Overseas Trade Statistics, 1697-1808* (1960), oferece-nos dados sobre o comércio do *sherry* sob o ponto de vista da importação, muito interessantes para poder estabelecer comparações com os dados disponíveis sobre as exportações. Num dos capítulos do seu *The Wine Trade*, A. D. Francis (1974) expõe algumas questões de interesse sobre o característico sistema de *solera* para a *crianza* dos vinhos do Marco del Jerez-Xérès-Sherry. Por último, Ralph Davis, no seu artigo *The English Wine Trade in the Eighteenth and Nineteenth Centuries*, situa o *sherry* no contexto das importações de vinhos em Inglaterra e na sua evolução através do período estudado. O artigo constitui uma notável síntese do comércio de vinhos em Inglaterra, sob o ponto de vista da procura, com acertadas considerações sobre as transformações na vinhataria jerezana na passagem do século XVIII para o XIX.

A produção historiográfica dos anos oitenta (entramos já nela) supõe uma mudança no panorama dos estudos sobre a vitivinicultura do Marco del Jerez, já que estes são, na sua maioria, resultado de investigações científicas baseadas na consulta sistematizada de fontes documentais, e não no «rebusco» de dados curio-

sos e pontuais ou mesmo interessantes mas deficientemente relacionados e aproveitados. As investigações desta década, e isto é o mais importante, levantam questões históricas do maior interesse, como veremos em seguida.

A propriedade do vinhedo e seu regime de posse e sistema de exploração foram temas estudados por Antonio Luis López Martínez (1984) e Javier Maldonado Rosso (1986 e 1987). Ambos se centraram geograficamente em El Puerto de Santa María oferecendo investigações cronologicamente complementares – meados do século XVIII e primeiro quartel do século XIX, respectivamente –, o que permite estabelecer a evolução de tais factores no período de maior interesse no processo de transformação da vitivinicultura do Marco del Jerez-Xérès-Sherry. A importância da média e pequena propriedade vitícola, da exploração, directa das vinhas por parte dos produtores, do trabalho assalariado na viticultura e da participação dos exportadores de vinho na posse do vinhedo da referida zona foram questões cientificamente tratadas e apresentadas pela primeira vez nestes estudos.

A extensão e produção do vinhedo de *sherry*, presentes nos estudos anteriormente comentados, foram também objecto de estudo por Juan José Iglesias Rodríguez (1990). Este autor (1989) e Javier Maldonado Rosso (1993) coincidiram em cada um dos seus artigos (apresentados quase simultaneamente, mas publicados com notável distância temporal entre si) no estudo de um mesmo fenómeno: a expansão do vinhedo de areia em El Puerto de Santa María na segunda metade do século XVIII. Trata-se igualmente de duas investigações complementares, neste caso conceptualmente. Ambos os autores inserem o fenómeno no aumento da procura de vinhos nesse período, mas diferem relativamente à importância dos mercados colonial americano e europeu. Outro ponto fundamental é o que se refere à incidência do fenómeno para os interesses da oligarquia local e a sua atitude em relação a este processo expansivo do vinhedo em terras marginais e por parte de vizinhos pobres. Intimamente relacionado com a importância da pequena propriedade aparece o problema da débil capitalização da viticultura jerezana, tema de que se ocupou Javier Maldonado (1989) no seu artigo *Crédito Agrario e Interés Gremial: El Montepío de Vinateros de Jerez (1789-1795)*.

A incidência e consequências da filoxera no Marco del Jerez foram analisadas por Florencio Zoido Naranjo num artigo pioneiro a este respeito (1981).

A análise da arquitectura das adegas jerezanas e sua relação com os tipos de vinhos nelas elaborados, bem como com o desenvolvimento urbano, conta com duas publicações. Este último aspecto foi tratado por Rafael Sánchez González (1986) em relação ao importantíssimo crescimento da área *bodeguera* que se produziu em El Puerto de Santa María entre os anos de 1828 e 1838. Isidro García del Barrio ocupou-se do estudo das adegas como elementos fundamentais para a *crianza* dos vinhos da zona do *sherry* (1984). As imprecisões históricas que o traba-

lho contém são largamente compensadas pela sua magnífica análise funcionalista dos diferentes elementos arquitectónicos das adegas jerezanas.

No que se refere ao conhecimento das élites vinhateiras locais, dois são os estudos que se ocupam, ainda que parcialmente, do tema. Rogelio Velasco apresenta os argumentos e atitudes livre-cambistas da burguesia vinhateira jerezana no quadro das contradições internas dos diferentes sectores empresariais espanhóis, durante a segunda metade do século XIX, sobre o tipo de relações comerciais a manter com o Reino Unido (1989). Por seu turno, Christian Windler, num breve mas brilhante artigo (1989), analisa a forma pela qual os exportadores jerezanos aumentaram o seu poder político mercê das reformas municipais de Carlos III.

O transporte do vinho do Jerez e mais concretamente o meio mais utilizado, o caminho de ferro, foi objecto de atenção por parte de vários investigadores: Telesforo Marcial Hernández Sempere (1975), Rafael Sánchez (1986) e Diego Caro Cancela (1990). Os três estudaram aspectos e períodos complementares da linha Jerez-El Puerto-Trocadero. Hernández Sempere centrou-se no projecto *non nato* de finais da década dos anos vinte do século XIX. Sánchez González ocupou-se da zona Jerez-El Puerto e Caro Cancela da zona El Puerto-Trocadero, prestando uma maior atenção ao investimento de capitais e aos accionistas da empresa.

O aspecto do *sherry* que mais interessou os investigadores nos anos oitenta, aos quais nos referimos, foi o comércio – entendido *lato sensu* – ao qual se dedicaram vários e interessantes trabalhos. Dois dos nossos mais brilhantes modernistas, Carlos Martínez Shaw e Antonio García-Baquero adiantaram-se sobre o assunto na década anterior, tratando o tema do *Tercio de Frutos en la Flota de Indias* (Martínez Shaw, 1973) e da organização e volume dos vinhos destinados à América tanto em frota como em registos soltos (García-Baquero, 1976). Posteriormente continuaram a ocupar-se dos produtores e carregadores das Índias (Martínez Shaw, 1981), buscando determinar a importância real do mercado colonial para os vinhos da área (García-Baquero, 1986). María del Carmen Borrego Plá (1986) ocupou-se, por seu turno, do comércio dos vinhos de El Puerto de Santa María para Cuba, Porto Rico e Filipinas durante a crise de 1898. Trata-se de uma contribuição para o conhecimento do sempre presente, mas raramente quantificado mercado americano, relativamente às exportações de vinhos do Marco del Jerez.

O melhor estudo da evolução do comércio do *sherry* entre os séculos XVIII, XIX e XX deve-se ao professor Alain Huetz de Lempis, que realizou uma completa análise sobre o assunto no seu artigo *Les Vins Généreux des Pays Ibériques et le Marché Européen* (1986). Ao rigor estatístico junta-se uma explicação de cada uma das conjunturas pelas quais atravessou o mercado europeu de vinhos e, acima de tudo, uma visão de conjunto do processo. A concorrência do Vinho do Porto e do Sherry é especialmente analisada pelo autor. Por último, há ainda que

destacar que Huetz de Lempis, graças à consulta de fontes documentais inéditas, apresenta neste trabalho novos dados sobre as exportações de *sherries* na primeira metade do século XVIII, período para o qual se utilizavam, até esta contribuição, estimativas e testemunhos pontuais.

Referir-nos-emos, para finalizar, a outros quatro estudos sobre o comércio do *sherry*, nos quais a produção e regulamentação do sector são também aspectos destacados. Antonio Cabral é o autor de dois deles, que trataremos simultaneamente, uma vez que o segundo (1987) reúne os conteúdos do primeiro desses livros (1986). James Simpson (1985) e Clara Eugenia Núñez (1985) são os autores dos outros dois trabalhos. Os três investigadores centram os seus estudos na expansão e crise do comércio do *sherry* na segunda metade do século XIX, período em que o crescimento da procura – britânica, principalmente, e francesa, conjuntamente – foi satisfeito pelo lado da oferta com a expansão do vinhedo, mas sobretudo com a introdução de vinhos estrangeiros e o emprego de alcoóis industriais alemães, com o conseqüente descrédito dos *sherries*, aumento dos *stocks* dos vinhos nos portos britânicos, queda dos preços, reentrada na exportação de vinhos de baixa qualidade e descida das exportações.

Cada um dos três autores tratados estabelece a sua análise de forma diferente mas complementar. Simpson coloca o acento na forma como a crise influiu no processo de produção, as mudanças que se operaram na organização do sector, e em que medida afectaram os produtores, armazenistas e exportadores. Cabral centra a sua atenção na forma como se desenrolou o conflito de interesses entre «produtores e comerciantes», os problemas em torno da regulamentação do sector e o papel do Estado. Clara Eugenia Núñez, por seu lado, centrando-se no período de 1857 a 1886, acentua o seu interesse pelas mudanças organizativas do sector e pela diversificação de produtos e mercados que interpreta como sinais de iniciativa empresarial. Mas, sobretudo, a autora apresenta as relações problemáticas entre comércio exterior e desenvolvimento – questão de primeiríssima importância nas economias de diversas zonas vitivinícolas europeias orientadas fundamentalmente para a exportação, cujo debate continua a ser um dos mais interessantes da vitivinicultura atlântica-europeia dos séculos XVIII a XX. Sobre este assunto são de grande utilidade os estudos de Nadal Ferreras (1978) e, especialmente, de Prados de la Escosura (1984 e 1988) sobre o comércio hispano-britânico nos séculos XVIII e XIX e as relações entre comércio exterior e desenvolvimento.

A diferença entre a historiografia sobre o *sherry* anterior e posterior aos anos oitenta do nosso século consiste no facto de, neste último período, se apresentarem problemas teóricos e metodológicos em torno do tema de estudo; o que, salvo as excepções já apresentadas, não caracterizava a generalidade dos estudos na fase anterior e que, sem dúvida, marca a divisória entre conhecimento «comum» e conhecimento científico.

BIBLIOGRAFIA

- BORREGO PLÁ, María del Carmen – *El comercio del vino y El Puerto de Santa María en la crisis del noventa y ocho*. In «Actas de las V Jornadas de Andalucía y América», Sevilla: Escuelas de Estudios Hispano-Americanos, 1986. T. I. p. 455-478.
- CABRAL CHAMORRO, Antonio – *La Camara de Comercio en la crisis y reconversión de la economía jerezana, 1886-1900*. Jerez: Editoriales Andaluzas Unidas y Cámara de Comercio e Industria de Jerez de la Frontera, 1986.
- CABRAL CHAMORRO, Antonio – *Observaciones sobre la regulación y ordenación del mercado del vino en Jerez de la Frontera, 1850-1935: los antecedentes del consejo regulador de la denominación de origen Jerez-Xérès-Sherry*. «Agricultura y Sociedad». n° 44 (1987). p. 171-197.
- CARO CANCELDA, Diego – *El primer ferrocarril de Andalucía. La línea Jerez – El Puerto-Trocadero, 1854-1861*. «Páginas». n° 5 (1990), p. 70-85.
- CASAS LUCAS, Justo F. – *Viticultura Tradicional y enología*. Jerez: Academia de San Dionisio, 1961.
- CASAS LUCAS, Justo F. – *Reflexiones de un enólogo sobre los vinos de Jerez*. Caja de Ahorros de Jerez, 1985.
- CUEVAS, José de las – *Biografía del vino de Jerez*. Jerez, 1949.
- CUEVAS, José de las; CUEVAS, Jesús de las; CUEVAS, José María de las – *Nuevas páginas sobre la viña y el vino de Jerez*, Jerez, 1952.
- CUEVAS, José de las; CUEVAS, Jesús de las; CUEVAS, José María de las – *De la verde Irlanda al esplendido futuro del Jerez*. Jerez: Patricio Garvey S.A., 1980.
- DAVIS, Ralph – *The English Wine Trade in the Eighteenth and Nineteenth Centuries*. «Annales Cispalines d'Histoire Sociale», Serie I, n° 3 (1972), p. 87-106.
- FRANCIS, A. D. – *The Wine trade*. London: Adan and Charles Block, 1974.
- GARCIA DEL BARRIO AMBROSY, I. – *Las bodegas del vino de Jerez*. Madrid: M.A.P.A, 1984.
- GARCIA-BAQUERO, Antonio – *Cádiz y el Atlántico*, Cádiz: Escuela de Estudios Hispano-Americanos y Diputación de Cádiz, 1976.
- GARCIA-BAQUERO, Antonio – *Andalucía y la Carrera de Indias (1492-1824)*. Sevilla: Editoriales Andaluzas Unidas S.A., 1986.
- GENER CUADRADO, Eduardo, coment. y anot. – *Diario de viaje de un comerciante gaditano (1829)*. Cádiz: Instituto de Estudios Gaditanos, 1976.
- GONZÁLEZ ALVAREZ, Francisco – *Apuntes sobre los vinos españoles*. Madrid: Librería de Cuesta, 1878.
- GONZALEZ GORDON, M. M. – *Jerez-Xérès-Scheris*. Jerez: Imprenta A. Padura, 1935. Hay una segunda edición (1970) con el título de «Jerez-Xérès-Sheris».
- GONZALEZ GORDON, M. M. – *Sherry. The noble wine*. London, Cassell, 1972. En 1990 ha aparecido otra edición de esta obra en London, Quiller Press.
- HALLEY, Ned – *Two Hundred years of Port and Sherry*. Porto: House of the Sandeman, 1990.
- HARRISON, Godfrey – *Bristol cream*. London, 1955.

- HERNANDEZ SEMPERE, T. M. – *Los inicios de las concesiones ferroviarias en España*. In «Homenaje al Dr. D. Juan Reglá Campistol». Valencia: Universidad de Valencia, 1975. Vol. II, p. 287 –302.
- HUETZ DE LEMPS, Alain – *Les vins généreux des pays ibériques et le marché européen*. In «Actas de las I Jornadas de Estudio Norte de Portugal/Aquitania». Porto: CENPA, 1986. p. 119 –146.
- IGLESIAS RODRIGUEZ, J. J. – *La expansión del viñedo en el Marco de Jerez a fines de la Edad Moderna. El Puerto de Santa María en la segunda mitad del siglo XVIII*. In «Actas de las X Jornadas de Viticultura y Enología de Tierra de Barros». Almendralejo, 1989. p. 281 –292.
- IGLESIAS RODRIGUEZ, J. J. – Viñedos y producción vinícola en la provincia de Cádiz a mediados del s. XVIII, en *Actas de las XI Jornadas de Viticultura y Enología de Tierra de Barros*, Almendralejo, 1990. p. 623-632.
- JEFFS, Julián – *Sherry*. London. Existe una edición en español (1.994), *El vino de Jerez*, Traducción de Carmen Noya. Cádiz: Universidad de Cádiz, 1961.
- LOPEZ MARTINEZ, Antonio Luis – *Estructura agraria de El Puerto de Santa María a mediados del siglo XVIII*. In «I Congreso de Profesores – Investigadores». Sevilla, 1984. vol. II, p. 33-64.
- MALDONADO ROSSO, Javier – *La propiedad de la Tierra en El Puerto de Santa María a inicios de la Edad Contemporánea*. Universidad de Cádiz, 1986. Tesis de licenciatura, inédita.
- MALDONADO ROSSO, Javier – *El campo portuense a principios del siglo XIX. Analisis del regimen de tenencia de la Tierra*. In «Cádiz en su Historia». Cádiz: Caja de Ahorros de Cádiz, 1987. p 137-148.
- MALDONADO ROSSO, Javier – *Crédito agrario e interés gremial: El Montepío de vinateros de Jerez, 1789 –1795*. In «XI Jornadas de Viticultura y Enologia de Tierra de Barros». Almendralejo, 1989. p. 633 –643.
- MALDONADO ROSSO, Javier – *Reforma agraria ilustrada y extensión del viñedo de arenas en El Puerto de Santa María. Intento reinterpretativo*. In «IV Encuentro de la Ilustracion al Romanticismo. Carlos III, dos siglos después». Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 1993. p. 31-38.
- MARTINEZ SHAW, Carlos – *El Tercio de Frutos de la flota de Indias en el siglo XVIII*. «Archivo Hispalense». nº 171-173 (1973), p. 201-211.
- MARTINEZ SHAW, Carlos – *Un mercader gaditano en el siglo XVIII: Agustín Ramírez Ortuño*. «Archivo Hispalense». nº 196 (1981), p. 29-41.
- NADAL FARRERAS, Joaquín – *Comercio exterior y su desarrollo, España y Gran Bretaña de 1772 a 1914: Política económica y relaciones comerciales*. Madrid: Instituto de Estudios Fiscales, 1978.
- NUÑEZ, Clara Eugenia – *El Comercio exterior y los problemas del desarrollo económico en Andalucía, 1850-1880*. Granada, 1985.
- NUÑEZ, Clara Eugenia – *Old Sherry*. London: Joseph Causton and Sons Limited, 1935.
- PARADA Y BARRETO, Diego – *Noticias sobre la historia y el estado actual del cultivo de la vid y del comercio vinatero de Jerez de la Frontera*. Jerez: Imprenta del Guadalete, 1868.

- PAN FERGUSON, M. – *La vendimia y sus problemas en el siglo XVIII*. Jerez, 1952.
- PEMARTIN, Julián – *Diccionario del vino de Jerez*. Barcelona: Gustavo Gili Editor, 1965.
- PRADOS DE LA ESCOSURA, Leandro – *El Comercio Hispano-Británico en los siglos XVIII y XIX*. «Revista de Historia Económica». Año II, nº 2 (1984), p. 113-162.
- PRADOS DE LA ESCOSURA, Leandro – *De Imperio a Nación*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- QUIRÓS LINARES, Francisco – *El comercio de los vinos de Jerez*. «Estudios Geográficos». nº 86 (1962), p. 29-44.
- RUIZ LAGOS, M. – *Política y desarrollo social en la Baja Andalucía*. Madrid: Editora Nacional, 1976.
- SÁNCHEZ GONZÁLEZ, Rafael – *Introducción al estudio del urbanismo portuense. El ensanche del campo de Guía, 1828-1838*. Cádiz: Caja de Ahorros de Cádiz, 1986.
- SÁNCHEZ GONZÁLEZ, Rafael – *Los inicios del ferrocarril en El Puerto de Santa María. La formación de la línea Jerez-El Puerto, 1830-1854*. «Gades», nº 14 (1986), p. 45-64.
- SCHUMPETER, Elizabeth B. – *English Overseas Trade Statistics, 1697-1808*. Oxford: University Press, 1960.
- SIMPSON, James – *La producción de vinos en Jerez de la Frontera, 1870-1900*. In MARTÍN ACEÑA, P.; PRADOS DE LA ESCOSURA, L., eds. – «La nueva historia económica en España. Madrid: Tecnos, 1985.
- SOTO MOLINA, José – *Jerez y sus vinos*, Jerez, 1948. Inédito.
- WAUGH, Alec – *Marchants of Wine*. London: Cassell and Company Ltd, 1957.
- WINDLER, Christian – *Die Munizipal Reformen 1766 Cádiz. Sozioökonomische Dynamik und Institutionelle Verönderungen in der zwieten Hälfte des 18. Jahrhunderts*. «TRANVIA: Revue der Iberischen Halbinsel», nº 13 (1989), p. 26-29.
- VELASCO PEREZ, Rogelio – *Pensamiento económico en Andalucía (1800-1850). Economía política, Libremercado y Proteccionismo*. Malaga: Editorial Librería Agora S. A., 1989.
- VIZETELLY, Henri – *Facts about Sherry*. London: Word, Lock and Tyler, Warwick House, 1876.
- ZOIDO NARANJO, F. – *Contribución Bibliográfica al estudio de la vitivinicultura jerezana*. «Archivo Hispalense», nº 182 (1976), p. 81-106.
- ZOIDO NARANJO, F. – *Observaciones sobre la crisis filoxérica y sus repercusiones en la vitivinicultura de Jerez*. «Archivo Hispalense», nº 193-194 (1981), p. 487-506.